

Prova Nacional Docente - PND

PND

Formação Geral Docente - Comum a todas as Áreas

SUMÁRIO

CONHECIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS.....	7
■ FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.....	7
■ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	11
■ SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	13
■ PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	27
■ TEORIAS PEDAGÓGICAS	32
■ DIDÁTICA E METODOLOGIAS DE ENSINO	42
■ TEORIAS E PRÁTICAS DE CURRÍCULO	44
■ POLÍTICAS PÚBLICAS, ORGANIZAÇÃO, FINANCIAMENTO E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	50
■ METODOLOGIA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E ENSINO.....	56
■ TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	59
■ LETRAMENTO CIENTÍFICO	61
■ EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA.....	62
■ LIBRAS, CULTURA E IDENTIDADE SURDA.....	67
■ IDENTIDADE E ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DOCENTE.....	73
■ PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM.....	74
■ IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE CURRÍCULOS – PROGRAMAS EDUCACIONAIS	87
■ PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS	90
■ PRÁTICAS DE ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA, COMUNIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS	94
■ EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E DIREITOS HUMANOS.....	95
■ EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL.....	99
■ EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	105
HISTÓRIAS E CULTURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS	105
HISTÓRIAS E CULTURAS INDÍGENAS.....	106

■ EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	107
--	-----

QUESTÃO DISCURSIVA.....	193
-------------------------	-----

■ QUESTÃO DISCURSIVA	193
----------------------------	-----

CONHECIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A filosofia da educação é um campo do saber que se dedica ao exame crítico, sistemático e reflexivo dos fundamentos, sentidos, princípios e fins da educação.

Ela busca compreender a natureza do ato educativo, analisando os processos formativos sob as perspectivas:

- ontológica (o ser);
- epistemológica (o saber);
- ética (os valores);
- estética (a sensibilidade);
- política (o poder); e
- social (as relações comunitárias).

Mais do que um simples recurso teórico, a filosofia da educação é um instrumento indispensável para que os educadores desenvolvam uma prática pedagógica consciente, intencional, crítica e transformadora.

O vínculo entre filosofia e educação remonta à Antiguidade, quando os grandes pensadores começaram a indagar não apenas sobre a essência da realidade, mas também sobre os modos de formar o ser humano para viver em sociedade.

Sócrates, considerado o pai do método dialógico, entendia que educar era, sobretudo, provocar o sujeito a pensar, a questionar, a sair da ignorância por meio da maiêutica — a arte de parir ideias.

Para ele, o saber não se transmite, mas se constrói na relação entre mestre e aprendiz, por meio do diálogo e da reflexão.

Platão, discípulo de Sócrates, avançou na concepção da educação como elemento estruturante da organização social. Em sua obra *A República*, defendeu que a educação deveria ser um mecanismo para alcançar a justiça e a harmonia social, destinando a cada cidadão uma função conforme suas aptidões naturais.

A educação platônica tinha um caráter formativo integral, não apenas intelectual, mas também ético, estético e espiritual, sendo vista como um processo de ascensão da alma do mundo sensível ao mundo das ideias, da verdade e do bem.

Aristóteles, por sua vez, ofereceu uma concepção mais prática e empírica da educação, considerando-a como um processo essencial para o desenvolvimento das virtudes e para a construção da vida em comunidade.

Defendia que a educação deveria contemplar tanto a formação do caráter quanto o desenvolvimento da razão, buscando o equilíbrio entre teoria e prática, entre contemplação e ação.

Ao longo da Idade Média, a educação foi profundamente influenciada pela filosofia escolástica, que buscava harmonizar a fé cristã com a razão.

Filósofos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino defendiam uma educação orientada para a transcendência, para a salvação da alma, mas que também deveria cultivar a racionalidade e o desenvolvimento moral.

O currículo escolar era centrado no *trivium* (gramática, lógica e retórica) e no *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), refletindo uma concepção de educação voltada para a formação do espírito e da inteligência.

No período do Renascimento e, especialmente, durante o Iluminismo, a filosofia da educação sofreu uma profunda transformação.

A centralidade da razão, da ciência e do indivíduo levou pensadores como John Locke, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant e Condorcet a repensarem a função da educação na sociedade moderna.

Locke, com sua teoria empirista, via a mente humana como uma “tábula rasa”, em que a experiência sensível formava o conhecimento.

A educação, nesse sentido, deveria ser capaz de formar cidadãos racionais, capazes de viver em liberdade e de participar ativamente da vida social.

Rousseau, em sua obra *Emílio, ou Da Educação*, defendia uma educação natural, centrada no desenvolvimento espontâneo da criança, respeitando suas fases de crescimento e suas necessidades internas.

A educação deveria proteger a criança das corrupções da sociedade, permitindo-lhe desenvolver-se livremente, em contato com a natureza, até alcançar a maturidade para viver em sociedade.

Kant via a educação como um imperativo moral. Para ele, o ser humano não nasce humano: torna-se humano por meio da educação.

A tarefa da educação seria desenvolver no indivíduo a autonomia, a capacidade de pensar e agir segundo princípios universais, não subordinados a interesses ou imposições externas.

Na transição para a contemporaneidade, surgem novas perspectivas filosóficas que influenciam diretamente o pensamento educacional.

O pragmatismo, especialmente na obra de John Dewey, rompe com as dicotomias entre teoria e prática, propondo uma educação centrada na experiência, na resolução de problemas e na participação democrática.

Dewey defendia que a escola deveria ser um microcosmo da sociedade democrática, em que os alunos aprendessem por meio da experimentação, do trabalho cooperativo e do diálogo.

O existencialismo, representado por pensadores como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Karl Jaspers, também impactou fortemente a filosofia da educação, destacando a liberdade, a responsabilidade e a singularidade do sujeito.

Na visão existencialista, educar é ajudar o outro a tomar consciência de sua condição de ser livre e responsável por construir sua própria existência.

Outra influência relevante vem da fenomenologia, especialmente nas obras de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, que resgatam a importância da experiência vivida, da percepção e da intersubjetividade no processo educativo.

A fenomenologia enfatiza que educar é um ato que se dá na relação entre sujeitos, sendo mediado pela percepção e pela interpretação do mundo.

O surgimento dos estudos críticos e pós-críticos trouxe uma virada epistemológica e política na filosofia da educação, questionando os modelos tradicionais, eurocêntricos, patriarcais e excludentes.

Nesse contexto, emergem discussões sobre currículo, identidade, diferença, multiculturalismo, gênero, etnia, classe social e inclusão.

A educação passa a ser entendida não apenas como transmissão de conhecimentos, mas como espaço de disputa de significados, de construção de identidades e de luta por justiça social.

No contexto latino-americano e brasileiro, a filosofia da educação é profundamente marcada pelas condições históricas de desigualdade, opressão e luta por emancipação.

Paulo Freire, maior expoente da pedagogia crítica, revolucionou o pensamento educacional ao propor uma educação problematizadora, dialógica e libertadora, fundamentada na concepção de que os sujeitos são inacabados e, portanto, capazes de se transformar e transformar o mundo.

Freire compreendia a educação como um ato político, no qual o educador, ao lado do educando, constrói conhecimento a partir da leitura crítica da realidade, visando à transformação das estruturas de opressão.

Outros pensadores brasileiros, como Dermeval Saviani, desenvolvem a pedagogia histórico-crítica, que propõe uma educação voltada para a compreensão da realidade social, econômica e política, articulando os saberes escolares aos processos de transformação social.

A filosofia da educação brasileira, portanto, não se limita a reproduzir modelos estrangeiros, mas elabora respostas próprias, profundamente enraizadas na realidade nacional e latino-americana.

Na prática pedagógica, a filosofia da educação não é apenas um discurso teórico, mas um referencial que orienta escolhas metodológicas, conteúdos, relações pedagógicas e o próprio projeto político-pedagógico da escola.

Ela fundamenta discussões sobre a função social da escola, sobre os direitos de aprendizagem, sobre a inclusão, sobre a construção de uma educação democrática, participativa e emancipatória.

O ordenamento jurídico-educacional brasileiro reflete esses princípios filosóficos. A Constituição Federal, de 1988, em seus arts. 205 a 214, assegura que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, ao seu preparo para o exercício da cidadania e à sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 1996), especialmente em seus artigos iniciais, reafirma esses fundamentos, estabelecendo que a educação se orienta pelos princípios da liberdade, da igualdade, do respeito às diferenças e da gestão democrática.

| CORRENTES FILOSÓFICAS

A filosofia, ao longo da história, ofereceu diferentes modos de compreender o ser humano, o conhecimento, a sociedade e a própria educação.

Cada corrente filosófica estabelece uma visão específica de homem, mundo, sociedade, verdade e aprendizagem.

Esses referenciais não são apenas teóricos; eles fundamentam práticas pedagógicas, metodologias, concepções de currículo e os próprios sentidos atribuídos ao ato de educar.

No campo educacional, as correntes filosóficas não atuam de forma isolada. Elas se entrelaçam, dialogam, entram em conflito e se ressignificam, especialmente no contexto das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas.

A seguir, serão apresentadas as principais correntes filosóficas aplicadas à educação, suas características fundamentais e seus impactos na prática docente.

Idealismo

O idealismo é uma das correntes filosóficas mais antigas, tendo em Platão seu principal expoente na Antiguidade.

Para o idealismo, a realidade verdadeira não está no mundo sensível, mas nas ideias, nos conceitos, no mundo inteligível. O conhecimento se dá pela **elevação da alma ao mundo das ideias** por meio da razão e da contemplação.

Na educação, o idealismo valoriza a formação intelectual, moral e espiritual, entendendo que a função do educador é conduzir o educando ao desenvolvimento da razão e à busca da verdade.

A prática pedagógica idealista é centrada na transmissão dos grandes saberes universais, nas obras clássicas e na formação do caráter.

Essa perspectiva influenciou modelos tradicionais de educação, que priorizavam conteúdos abstratos, a disciplina, a autoridade do professor e a hierarquia do conhecimento.

Realismo

O realismo, representado por pensadores como Aristóteles, contrapõe-se ao idealismo, defendendo que **a realidade está no mundo material** e que o conhecimento se constrói pela observação, pela experiência e pela análise lógica dos fenômenos.

Na educação, o realismo busca formar indivíduos capazes de compreender o mundo natural e social por meio da sistematização dos saberes. Valoriza o desenvolvimento das habilidades cognitivas e o domínio das leis que regem a realidade.

A prática pedagógica realista defende o ensino baseado em fatos, evidências e organização lógica dos conteúdos, aproximando-se de concepções positivistas e científicas nos séculos XIX e XX.

Empirismo

O empirismo, associado a pensadores como John Locke e David Hume, sustenta que todo o conhecimento deriva da experiência sensorial.

Para os empiristas, o sujeito nasce como uma “tábula rasa”, sendo preenchido pelos dados que recebe do mundo externo.

Na educação, essa corrente valoriza metodologias que priorizam a observação, a experimentação e a prática. O processo de aprendizagem ocorre pela repetição, pela associação de ideias e pela acumulação de experiências sensíveis.

O empirismo fundamenta, historicamente, práticas pedagógicas que defendem métodos ativos, embora, em algumas aplicações, possa ter sido associado a modelos mecanicistas e comportamentais.

Racionalismo

O racionalismo, com expoentes como René Descartes, defende que a razão é a principal fonte de conhecimento. A verdade é alcançada por meio do raciocínio lógico, da dedução e do pensamento ordenado, e não apenas pela experiência.

Na educação, o racionalismo enfatiza a importância da formação da mente, do pensamento crítico e da capacidade de argumentação.

O educador, nessa perspectiva, deve desenvolver no aluno as capacidades de análise, dedução, síntese e resolução de problemas.

Esse modelo impacta diretamente práticas pedagógicas que priorizam o desenvolvimento do pensamento lógico, matemático, filosófico e científico.

Pragmatismo

O pragmatismo, especialmente nas obras de John Dewey, surge nos Estados Unidos como uma resposta às dicotomias entre teoria e prática.

Para os pragmatistas, o conhecimento só tem sentido quando aplicado à vida, quando resolve problemas reais.

Na educação, essa corrente defende uma aprendizagem baseada na experiência, na experimentação, na resolução de problemas e na participação ativa dos estudantes. A escola deve ser um laboratório da democracia, onde se aprende a conviver, a dialogar e a colaborar.

O pragmatismo inspira metodologias como projetos, oficinas, práticas interdisciplinares e avaliação formativa. O aluno é visto como protagonista do seu processo de aprendizagem.

Existencialismo

O existencialismo, representado por filósofos como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Karl Jaspers, destaca que o ser humano é um ser livre, inacabado e responsável por construir sua própria existência. Não existe uma essência predefinida; a existência precede a essência.

Na educação, o existencialismo valoriza a formação da autonomia, da autenticidade e da responsabilidade.

O papel do educador é ajudar o educando a tomar consciência de sua liberdade, de seus projetos de vida e de sua responsabilidade ética perante o mundo e os outros.

Essa corrente rejeita práticas pedagógicas autoritárias, prescritivas e homogêneas, defendendo uma educação personalizada, dialógica e centrada no desenvolvimento da singularidade do sujeito.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A história da educação é o campo do conhecimento que estuda a trajetória da formação humana organizada em diferentes tempos e contextos sociais.

Compreender sua origem e evolução permite analisar as transformações culturais, políticas e pedagógicas que moldaram a escola, os currículos e os modelos de ensino ao longo do tempo.